

# REPRESENTAÇÕES SOBRE RURALIDADE NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA GLOBO RURAL

## REPRESENTATIONS ABOUT RURALITY IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF GLOBO RURAL PROGRAM

**Eloisa Beling Loose**

Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).  
eloisa.loose@gmail.com

**Paulo André Niederle**

Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).  
pauloniederle@gmail.com

### Resumo

Este artigo aborda a emergência de novas representações do mundo rural contemporâneo no contexto brasileiro. O foco reside na compreensão de um processo de ressignificação das ruralidades a partir de uma interpretação sobre os discursos que retratam o rural na mídia especializada. Para tanto, propõe-se uma análise das representações sociais produzidas em um tradicional programa dedicado a este tema: o *Globo Rural*. O objetivo é discutir o entendimento das ruralidades contemporâneas tais quais essas são reconstruídas por um produto de comunicação de massa. Os resultados apontam para a predominância de um referencial agrícola nas representações televisivas do meio rural, ratificando a tradicional dimensão agropecuária que marca fortemente o rural brasileiro. Não obstante, nota-se igualmente a incorporação de novos registros, os quais sugerem a emergência de um novo rural socioambiental.

**Palavras-chave:** Novas ruralidades. Novo rural. Representações do rural. Comunicação. *Globo Rural*.

### Abstract:

This paper discusses the emergence of new representations of contemporary rural world in the Brazilian context. The analysis has a focal point over the discourses that the specialized media uses to structure the image of the rurality. We propose an analysis of social representations carried out by a traditional program dedicated to this thematic scope in Brazil: *Globo Rural*. The objective is to discuss the understanding of contemporary ruralities such these are reconstructed by a product of mass communication. The results indicate the predominance of a sectorial image of rural in television representations of the countryside, confirming that the traditional agricultural dimension is still largely evident in the representations of rural. There is also evident, however, the addition of new records, which suggest the emergence of a new rural which supports a socio-environmental appeal.

**Keywords:** New rurality. New rural. Rural's representations. Communication. *Globo Rural*.

## **Introdução**

A leitura proposta neste artigo difere daquelas que tradicionalmente caracterizam os estudos rurais. Em que pese as inúmeras interfaces multidisciplinares com as ciências sociais e agrárias, trata-se, primeiramente, de um olhar dirigido desde o campo das ciências da comunicação, motivado pela necessidade de compreender o papel das mídias diante de um quadro de rápidas transformações socioambientais que perpassam o rural contemporâneo. Afinal, de que rural se fala hoje no Brasil? Que representação a comunicação constrói das ruralidades em face das novas questões que marcam a emergência de um novo rural na atualidade? O objetivo desta análise é suscitar reflexões acerca do modo como são construídas, para além do círculo acadêmico, representações sobre a emergência de novas atividades (o “novo rural”) e novos sentidos atrelados às formas emergentes de sociabilidade (as “novas ruralidades”), que questionam a ideia de um rural exclusivamente agrícola<sup>i</sup>.

A análise procura mapear os sentidos das novas ruralidades e do novo rural produzido em um produto da comunicação de massa de amplo acesso, o programa *Globo Rural* (veiculado diariamente pela Globo, a maior rede de televisão do País). A hipótese de partida sugere a emergência de uma nova percepção de rural face ao agravamento das percepções de uma crise ambiental (BOFF, 2012; PORTO-GONÇALVES, 2006). Ao longo de uma semana, analisamos todas as exibições do referido programa com o objetivo de identificar quais são as temáticas predominantes, aferindo as características do rural contemporâneo que se fazem presentes nas representações<sup>ii</sup> que se expressam nas reportagens. O *Globo Rural* foi escolhido tendo em vista sua especialização em temas voltados para a agricultura e o meio rural, seu caráter informativo, sua ampla abrangência em termos de alcance midiático, além de seu sólido histórico de exibições (desde 1980 com edições dominicais e, a partir de 2000, também com edições semanais diárias).

Embora a literatura aponte para uma crescente diversificação das atividades e funções da agricultura e do meio rural – evidenciada pelo uso recorrente dos neologismos francófilos da pluriatividade<sup>iii</sup> e da multifuncionalidade<sup>iv</sup> –, o reconhecimento de tal processo não pode subestimar a magnitude da face agrícola que ainda marca a ruralidade contemporânea em grande parte do mundo, inclusive no Brasil.

Assim, a expressão de uma nova ruralidade não pressupõe uma metamorfose radical das representações que definem o mundo rural enquanto espaço de produção e de vida dos agricultores. Mesmo assim, as reconfigurações nas formas de reprodução social, trabalho e solidariedades do novo mundo rural sugerem outra relação homem-natureza, diferente daquelas que caracterizaram este espaço nos anos 1980, quando sua imagem estava vinculada ao seu suposto desaparecimento, consequência da subordinação à indústria, da proletarização dos camponeses e da supervalorização das sociedades e culturas urbanas.

Neste debate, Wanderley (2001) alude para a existência de duas vertentes teóricas. A primeira privilegia o polo urbano como irradiador do progresso industrial e prevê uma transformação mais ou menos radical da realidade rural<sup>v</sup>. De certo maneira, esta representação encontra sustentação na ideia de um “novo rural” que se ajusta à realidade urbana e industrial. Nesse sentido, de acordo com Graziano da Silva (1997), a separação rural-urbano torna-se cada vez mais complicada, visto que o campo se urbaniza e sua produção passa ser industrializada. Para o autor, a cidade e o campo não podem mais ser identificados essencialmente por seu espaço e suas condições sociais, visto que há uma tendência à homogeneização em virtude de um processo global impulsionado pela modernidade.

De outro modo, a segunda vertente percebe o rural e o urbano de forma mais simétrica, buscando a integração, mas destacando a manutenção de suas particularidades. Ao destacar as singularidades das novas ruralidades, autores adeptos dessa vertente observam a dualidade de forma menos abrupta, valorando as peculiaridades sociais inscritas em ambos os espaços. Com efeito, Wanderley (2000) menciona que os processos sociais advindos da modernização não resultaram na uniformização da sociedade, mas em uma redefinição das relações campo-cidade. Ainda que haja transformações nos modos de ser e fazer dos modernos agricultores familiares, construções sociais e simbólicas herdadas de seus antepassados de tradição camponesa se fazem presentes. Logo, a autora não acredita no fim do rural em função de uma “vitória” da urbanização (na qual as cidades passam a ter domínio financeiro, administrativo e cultural sobre o campo), mas na emergência de uma nova ruralidade com características singulares, em estreita sintonia com um passado reconstruído.

O desafio deste artigo é explorar estas representações de uma nova ruralidade emergente a partir da análise dos programas *Globo Rural*. Não se trata, portanto, de discutir a expressão *de facto* de um novo rural tal como ele se configura em determinado espaço social, mas, fundamentalmente, de compreender a construção de uma imagem deste rural em um produto de comunicação. Esta imagem está, incessantemente, representando e reconstruindo o rural. Assim sendo, a preocupação em estudar um programa de comunicação de massa vai além da simples constatação sobre a compreensão desta mídia acerca do mundo rural, para tratar, igualmente, do modo como esses meios contribuem à afirmação de uma nova ruralidade.

Depois desta breve introdução, o artigo apresenta uma revisão da literatura recente acerca das múltiplas interpretações dos processos de mudança na ruralidade contemporânea. A seção subsequente expõe os principais resultados da análise empreendida sobre o programa *Globo Rural*, focalizando, sobretudo, os exemplos que trazem à tona os novos sentidos atribuídos ao rural brasileiro. Finalmente, as considerações finais resumem as principais conclusões do estudo.

### **O rural contemporâneo**

Nos últimos vinte anos um conjunto de estudos revelou outro olhar sobre o espaço rural, um olhar que extrapola a ideia hegemônica de que o rural se resume à produção agrícola. Tal concepção surgiu primeiramente com os estudos sobre o “novo rural”, centrados na expressão de novas atividades produtivas, e, em seguida, com os debates acerca da conformação de “novas ruralidades”, essas expressas em reconfigurações mais amplas dos sentidos e das identidades do mundo rural.

O rural contemporâneo se tornou *locus* do desenvolvimento de atividades que outrora estavam reservadas ao espaço urbano. Um conjunto de novas atividades produtivas trouxe perspectivas inovadoras no que tange às alternativas de vida e geração de renda fora da agricultura. Essas novas formas de reprodução social revelam uma visão do espaço rural que extravasa os campos de plantio ou criação. Segundo Gómez (2001), para compreender este cenário, é preciso saber antes o que significa a “antiga ruralidade”, caracterizada por ele como aquela em que a população do meio rural ocupava-se basicamente com atividades agropecuárias, o seu tempo é marcado pelos ciclos e

processos naturais, a densidade demográfica é pequena e, portanto, permite certa homogeneidade entre os membros da sociedade rural.

Um processo de ressignificação do rural altera este quadro, trazendo à tona dinamicidade e novos papéis ao campo, além de uma maior complexidade no que se refere à identidade dos atores rurais. Rodrigues (2009) considera que o rural de hoje contempla posições distintas, mas que podem se sobrepor e até aparecer de forma simultânea: 1) a de destinação prioritária da produção agrícola; 2) a de um espaço de consumo em função da valorização da qualidade de vida, tanto para sujeitos urbanos quanto para rurais; e 3) a de um bem público, parte do patrimônio natural, que deve ser preservado. Já Gómez (2001) aponta para os impactos desta ressemantização no que diz respeito às dimensões territoriais (por meio dos novos sentidos dados ao espaço rural), ocupacionais (decorrência do reposicionamento das atividades primárias, secundárias e terciárias) e culturais (em função da mudança nos padrões de conhecimento e de valores das populações rurais).

Apesar de esta reconfiguração ou nova compreensão do rural estar ainda em curso no Brasil, nos ditos países desenvolvidos estas mudanças são ainda mais visíveis, decorrentes, sobretudo, de preocupações com o meio ambiente e com as crises socioambientais contemporâneas (alimentares, ecológicas e energéticas). De acordo com Carneiro (2003), tal mudança está intimamente relacionada à reivindicação por uma alimentação mais saudável e às campanhas pela recuperação do meio ambiente e pela produção em pequena escala. Com isso desenvolve-se rapidamente uma noção de “rural socioambiental”, que sugere uma alteração do papel da agricultura e do rural nas sociedades modernas (BRANDENBURG, 2010).

Ferreira (2002) sustenta que o ressurgimento do interesse pelo rural se deu nos anos 1990, especialmente em decorrência de movimentos nascidos onde o processo de modernização da agricultura ocorreu prematuramente, como nos países europeus. Houve nesse momento uma revitalização do rural (com a retomada do crescimento demográfico, diversificação ocupacional, aumento na oferta de trabalho, etc.) e com esta emergiu também uma nova perspectiva calcada na crítica ao modelo modernizador. No Brasil, tal mudança, ocorrida primeiramente nas regiões Sul e Sudeste, aponta para uma dissociação entre o rural e o agrícola, revelando dinâmicas para além do cultivo. Essas atividades - não diretamente ligadas à produção, mas que se combinam àquelas

agrícolas - são identificadas como parte do fenômeno da pluriatividade<sup>vi</sup>, haja vista a combinação de atividades agrícolas e não agrícolas no seio das unidades familiares de produção (SCHNEIDER, 2003).

No Brasil, o “Projeto Rurbano” teve o mérito de reunir uma série de estudos que demonstram como o fenômeno da pluriatividade se encontra disseminado em todo País. Já os estudos que se sucedem neste mesmo sentido possibilitaram o surgimento de um conjunto cada vez mais amplo de compreensões sobre o fenômeno. Reunindo distintas perspectivas e níveis de análises, estes trabalhos têm destacado a grande multiplicidade de características, fatores determinantes e efeitos associados ao fenômeno. A par desta diversidade, atualmente toma corpo a ideia de que não existe uma forma única e universal de pluriatividade, mas várias configurações multi-ocupacionais, com características e implicações absolutamente diversas (não raro, contraditórias) e, que estão essencialmente associadas à própria diversidade da agricultura familiar.

O fenômeno da pluriatividade se deu, conforme explicam Buainain *et alii* (2003), com a expansão das atividades industriais e de serviços que ocorrem antes e depois daquelas estritamente agrícolas, com a busca de distritos rurais para ampliar as instalações de outros setores e com o interesse de cidadãos pelo rural em razão do *stress* das grandes cidades e pelas novas possibilidades de trabalho a domicílio proporcionadas pela internet. A partir dessa conjuntura, os trabalhadores rurais que não dispunham de meios para seguir no campo (em função do desequilíbrio de renda, da especialização e mecanização das unidades produtivas que geram êxodo de refugiados do campo) observaram novas opções de trabalho para os membros da família, que foram suprimidos do processo agrícola em decorrência do progresso técnico, e, conseqüentemente, encontraram uma nova oportunidade de reprodução social no espaço rural.

Pode-se dizer que, resultante, sobretudo, da crise da modernização agrícola, os atores sociais que viviam no rural precisaram reinventar sua forma de reprodução social no campo, criando estratégias que permitissem a continuação de sua vida em um ambiente transformado pela tecnologia. Neste sentido, Carneiro (1996, s/p) aponta que a pluriatividade “[...] deve ser entendida como um produto da crise da política de especialização da atividade agrícola”.

Para além de uma dinâmica que auxilia os pequenos agricultores a terem uma renda melhor no campo, a perspectiva do novo rural também se tornou argumento para justificar o abandono de políticas públicas direcionadas aos setores fragilizados da agricultura familiar e para incentivar políticas de geração de renda não agrícola. No entanto, Buainain *et alii* (2003) alertam que as políticas voltadas à produção familiar não devem ser substituídas pelas de geração de renda não agrícola, e sim implementadas de maneira complementar a fim de fomentar o desenvolvimento rural. Para os autores:

Os fatos e a história mostram claramente que, apesar de todas as mudanças ocorridas e das oportunidades perdidas, ainda se faz necessário no país, como condição para a eliminação da pobreza e de suporte essencial a um processo de redistribuição dinâmica da renda, um projeto de desenvolvimento rural apoiado na produção familiar. Produção familiar predominantemente descapitalizada ou pouco capitalizada, mas que nenhum óbice tecnológico impede que inicie um processo de modernização e se torne progressivamente média e grande, na medida em que se eleva o custo de oportunidade do trabalho (BUAINAIN *et alii*, 2003, p.318).

Esta afirmação indica a preocupação de alguns estudiosos com a perda da dinâmica agrícola do rural em benefício de outras atividades, com as quais interesse e tradição estão desvinculados ou mesmo o direcionamento de políticas que tornem a produção de alimentos um objetivo apenas para as grandes propriedades. Sacco dos Anjos (2001, p.69) indica que é preciso “[...] pensar nas rupturas e desconstruções que ele [o debate sobre a pluriatividade] pode acarretar do ponto de vista das representações em torno da ruralidade, presentes tanto na perspectiva dos atores sociais envolvidos como no marco das políticas públicas”.

Em oposição a esse pensamento, há aqueles que acreditam que a pluriatividade não pode ser vista como algo que remove ou enfraquece os laços dos sujeitos com o mundo rural, visto que as atividades realizadas na cidade podem ser vistas como outras estratégias econômicas das famílias rurais. Assim, o trabalho urbano ou aquele desvinculado da agricultura não é percebido como promotor de um rompimento com o modo de vida ou com as relações de interconhecimento oriundas de uma tradição rural, sendo compreendido mais como uma forma de sustento ou ainda como uma maneira de viabilizar o trabalho na agricultura (em alguns casos, é a renda proveniente destas atividades não agrícolas que permite que os trabalhadores rurais continuem realizando/financiando as práticas agrícolas).

Graziano da Silva (1997) relata que as principais atividades não agrícolas com importância crescente no meio rural brasileiro são aquelas relacionadas à propagação de indústrias (agroindústrias), à crescente urbanização do meio rural e à preservação do meio ambiente, e à proliferação dos sítios de recreio ou chácaras. O trabalho nos espaços rurais, principalmente nas pequenas propriedades, deixou de ser algo essencialmente agrícola. Há uma aproximação e valorização dos trabalhadores com oportunidades ligadas aos valores não tangíveis, antes ignorados, como a paisagem, o lazer e os próprios ritos do cotidiano (GRAZIANO DA SILVA *et alii*, 2002). Soma-se a isso a ressignificação do meio ambiente e da cultura rural, que passam a ter destaque por meio da “[...] recuperação e manutenção do patrimônio rural, identificado quer seja nos recursos naturais quer seja nos bens arquitetônicos, e [d]o resgate de expressões de saber e de festividades coletivas” (CARNEIRO, 2003, p.9).

Ao se falar da gama de atividades que estão articuladas ao rural contemporâneo, é preciso destacar as agroindústrias, que não somente por meio da agregação de valor dos produtos agropecuários gera um novo nicho de mercado, mas que também, em função deste, origina uma rede de serviços pessoais e produtivos. Esta rede aproxima consumidores e produtores e, assim, estabelece uma outra forma de relação. Graziano da Silva *et alii* (2002) lembram que esse processo não decorre somente de demandas intermediárias no interior das cadeias produtivas, mas parte de uma dinâmica atrelada a públicos específicos de consumidores de média e alta renda dos grandes centros urbanos.

Outra questão diz respeito à ocupação dos espaços rurais, seja como segunda residência de famílias mais abastadas (chácaras ou sítios de lazer), seja como moradia popular das famílias mais desfavorecidas. Neste último caso, as facilidades de acesso à cidade e a dificuldade de se integrar no mercado urbano tornam o campo uma opção de moradia para muitas pessoas. Logo, o rural torna-se, cada vez mais, um espaço de moradia e, associado a recantos de lazer, local de atividades produtivas não agrícolas (como a remuneração pela manutenção das casas e dos pátios, pela recepção e alimentação dos visitantes – turismo rural –, pela venda de produtos artesanais, etc.).

Estes aspectos, entretanto, sustentam discursos contraditórios. Graziano da Silva (1997, p.13) reflete que as “chácaras de fim de semana”, por exemplo, são uma forma de “[...] atribuir aos pequenos produtores das regiões desfavorecidas a tarefa de



guardiões da natureza, reservando às grandes explorações o papel produtivo clássico”. Portanto, ao mesmo tempo em que contribuem para conservar áreas naturais (e recebem salários como caseiros e jardineiros), expulsando as grandes culturas movidas por insumos e maquinário pesado, os sujeitos de tais espaços, que eram ligados a laços de tradição de plantio, passam a ter suas identidades e relações reformuladas. Também o discurso a favor exclusivamente de um rural não agrícola para os pequenos produtores ou agricultores familiares desmobiliza o incentivo por este tipo de produção agrícola.

No Brasil, o rural como espaço de lazer e de residência para aqueles que não querem mais viver nas cidades ainda é bastante restrito às proximidades dos grandes centros, haja vista que o acesso a serviços ainda é precário na maior parte do meio rural. É, principalmente, no espaço periurbano que se verifica um rol maior de atividades, como criação de peixes, abelhas, aves e outros pequenos animais, produção de flores, frutas e hortaliças, além de pousadas, *spas*, hotéis-fazenda e demais locais dedicados ao turismo. As melhores infraestruturas, todavia, estão longe dos núcleos urbanos e costumam ser de grandes produtores rurais que, contraditoriamente, raramente mantêm residência exclusiva no estabelecimento.

Além disso, no âmbito do rural contemporâneo, deve-se sublinhar a perspectiva de que a paisagem deve ser preservada, seja por sua referência simbólica para os que a tem como quadro cotidiano, seja para aqueles que a veem como espaço de lazer. Ainda que o rural tenha perdido sua forte vinculação com a natureza e qualidade de vida em razão dos efeitos negativos para a saúde e meio ambiente, causados pela massificação da agricultura moderna, foi em resposta a ela que práticas agrícolas pensadas na sustentabilidade receberam força (FERREIRA, 2002). E, mesmo com problemas ambientais, o campo ainda é percebido pela população como um espaço melhor para viver que as cidades.

Foi nestes termos que Bruno Jean (1997) cunhou a expressão “territórios do futuro” para tratar do rural como uma alternativa à crise de empregos e da qualidade de vida manifestada intensamente nos núcleos urbanos. O rural também pode ser compreendido por esta expressão por resgatar a relação do homem com a natureza – na agroecologia, nos modos de se relacionar com a terra, no cuidado com a gestão ambiental.

Dessa forma, pode-se afirmar que as expressões “novo rural” e das “novas ruralidades” não apresentam apenas uma alternativa ao “rural antigo”, essencialmente agrícola. Concorde-se com Veiga (2004, p.64) quando o mesmo coloca que a “[...] a fase mais recente da globalização parece estar indicando é que a ruralidade terá diversos destinos”, pois abarca a necessidade de outras práticas que atendam às demandas sociais (desde a produção de alimentos saudáveis, as formas de lazer ao ar livre e a preservação das paisagens naturais), a possibilidade de tirar proveito econômico das novas vantagens competitivas que os espaços rurais oferecem para negócios (imobiliários, de recreação, de atrações turísticas, etc.), além da valorização da dimensão cultural do rural, na qual estão investidos os sentidos de qualidade de vida e a questão estética.

### **Representações da ruralidade no *Globo Rural*: o que a televisão mostra do rural contemporâneo brasileiro?**

Ao afirmar que está em curso a construção de uma nova visão do rural, Wanderley (2000, p.134) destaca formulações importantes feitas por Jollivet: “quem assumirá esta nova visão? Quem a promoverá?”. Pensando nisso, pode-se relacionar o papel dos meios de comunicação na difusão e construção de representações desse rural, e suas implicações para a mudança de perspectiva do rural, não apenas para aqueles que nele vivem, mas também para os cidadãos, que passam a reconhecer outras facetas de um espaço ressemantizado.

Com o objetivo de verificar como o rural contemporâneo brasileiro é representado pela mídia, optou-se por analisar qual o espaço e de que forma o programa de televisão brasileiro mais tradicional no que tange ao tratamento das questões do campo representa as novas facetas do rural. O *Globo Rural* é veiculado desde a década de 1980 e trata especificamente de temas voltados à agricultura. Embora seja dirigido ao público do campo, pode ser considerado como um dos raros espaços na televisão que prioriza as interfaces entre campo e cidade.

Para este trabalho, propomos uma análise minuciosa dos programas apresentados na semana entre 13 e 20 de dezembro de 2012<sup>vii</sup>. O objetivo foi mapear os novos temas e abordagens do rural, em particular aqueles que extrapolam as atividades produtivas tradicionais e revelam a emergência de uma nova percepção do campo. Buscou-se identificar quais são os modos de dizer o rural que superam a concepção de

rural como sinônimo de produção agrícola, como se pode caracterizar o “antigo rural” (em oposição ao novo). Concorde-se com Moreira (2006, s/p) quando o autor afirma que o Brasil da atualidade, a partir dos discursos do desenvolvimento rural sustentável, impulsiona processos de ressignificação do campo.

Esse passa a ser compreendido não mais como espaço exclusivo das atividades agrícolas, mas como lugar de uma sociabilidade mais complexa que aciona novas redes sociais regionais, estaduais, nacionais e mesmo transnacionais. Redes sociais as mais variadas que, no processo de revalorização do mundo rural, envolvem a reconversão produtiva (diversificação da produção), a reconversão tecnológica (tecnologias alternativas de cunho agroecológico e natural), a democratização da organização produtiva e agrária (reforma agrária e fortalecimento da agricultura familiar), bem como o fortalecimento e a expansão dos turismos rurais (ecológico e cultural).

Assim, destacamos as reportagens que trazem sinais deste movimento de transformação já detectado pelos pesquisadores da área a partir dos anos 1990 no Brasil, e que cresce a cada ano como alternativa de vida (tanto para os cidadãos urbanos como para aqueles que antes se detinham unicamente em atividades agrícolas). Nos seis programas verificados (nos sábados não há veiculação do programa) foram apresentados 51 vídeos, que englobavam reportagens e entrevistas, mais cinco chamadas para os programas do dia seguinte. Destes, a maioria esteve centrada em assuntos relacionados aos efeitos do tempo e às expectativas da safra nos cultivos de commodities tradicionais como a soja, o trigo e o milho: 20 dos 51 vídeos apresentados possuem relação direta ou indireta com as condições climáticas e a perspectiva de produtividade, sendo seis deles apresentados conjuntamente com a previsão do tempo<sup>viii</sup>.

Isso significa que, do total de vídeos apresentados na semana de análise, 39,2% estavam atrelados à representação de campo como lugar de produção agrícola e, conseqüentemente, com um rural vulnerável às situações climáticas e preocupado essencialmente com o resultado da colheita. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que esse predomínio de reportagens direcionadas para a agricultura convencional é reflexo do próprio contexto brasileiro, que a mantém em uma escala muito maior do que aquela encontrada nos países desenvolvidos. Por mais que estudos demonstrem uma diversificação das atividades do campo, Ferreira (2002, p.37) aponta que “nossa realidade não dá suporte para uma representação do rural como predominantemente não agrícola”.

No período analisado foram apresentadas duas reportagens de denúncias, três reportagens informando decisões de órgãos do Governo Federal, duas que manifestavam conflitos entre produtores e indígenas, três relacionadas à pesquisa e tecnologia, quatro a respeito de decisões sobre embargo ou não de carnes, três voltadas para a venda de plantas de Natal, uma relacionada a uma efeméride (a data em que Luiz Gonzaga completaria 100 anos), três mais próximas de um olhar ambiental, quatro que podem ser vistas sob a ótica do novo rural e quatro relacionadas com as novas perspectivas rurais em relação à educação. Ainda foi apresentada uma entrevista com pescadores e balanceiros no Pará, e uma matéria sobre a divisão das sobras para associados de uma cooperativa, completando as 31 matérias que não tratavam essencialmente da produção agrícola. Deste quadro, focalizamos o conjunto de reportagens caracterizado como aquele relacionado às novas ruralidades, ao novo rural e às questões socioambientais, as quais totalizam 11 reportagens (21,5%).

Em relação às matérias difundidas com enfoque no meio ambiente, dentre as três que compõe este *corpus* (5,8% do total), duas informam ações realizadas por um órgão do Governo: *Papagaios resgatados pelo Ibama são devolvidos à natureza* (14/12/12) e *Ibama acompanha o nascimento de tartarugas no Pará* (19/12/12). Nestas duas matérias não é exposta nenhuma relação direta com a agricultura; o rural é dado como o oposto à cidade, seja representado pela reserva na qual a soltura de papagaios ocorreu, seja pelas praias do Rio Tapajós, onde os fiscais protegiam os ovos de tartarugas da Amazônia. O conflito existente no Brasil entre os parques e reservas legais e as áreas de produção não é mencionado, ainda que a política seja pensada por cidadãos e aplicada nas áreas rurais. Pode-se inferir que a dimensão do rural aqui verificada é vinculada, mesmo de forma implícita, ao sentido quase exclusivo de patrimônio natural.

A terceira matéria classificada neste conjunto enfatiza elementos da tradição indígena, embora o intuito do material seja divulgar um especial de Natal produzido pelo G1 (portal de notícias da Globo). No dia 20/12/12 foi divulgada a reportagem *Tradição indígena é expressada em canções de coral macuxi*, retratando a manutenção de certos rituais das comunidades originárias e a preservação da língua de índios localizados em Roraima. Tal reportagem mostra, sutilmente, que a tradição está mais próxima daquilo que não é urbano, revelando, assim, proximidade com o rural. Esse é um componente expressivo da ruralidade contemporânea, já que revaloriza ritos e

formas de saber-fazer ignorados pelo rural moderno-industrial. A revalorização dos aspectos tradicionais, vinculados às identidades e práticas repassadas de geração para geração, é característica da percepção do que se caracteriza por novas ruralidades.

Em seguida, foram analisadas quatro reportagens (7,8% do *corpus* selecionado) de uma série chamada “Doutores do Campo”, que tinha como objetivo retratar a vida de jovens de origem rural que ingressaram em universidades para adquirir formação superior em cursos de ciências agrárias e, desse maneira, retornar para a vida no campo. Estes vídeos apresentam a relação campo-cidade por meio da busca de conhecimentos (afinal as universidades costumam estar localizadas em centros urbanos), mas também a mensagem de que os jovens desejam retornar para seus locais de origem, em um sinal de reconhecimento do valor desses espaços. Nas falas dos entrevistados foi percebida uma redução da assimetria rural-urbano, sinalizando que o campo voltou a ser uma alternativa de vida e renda para esses jovens.

Nos quatro produtos jornalísticos que podem ser considerados ajustados especificamente às características do rural contemporâneo há grandes diferenças em relação ao enfoque. No vídeo *Agricultores de assentamentos de Alagoas se reúnem em feira em Maceió* (14/12/12), com entrada ao vivo da repórter e entrevistas com produtores, o objetivo fundamental é promover a feira – mostrando os produtos – e destacando o relacionamento direto do produtor com o consumidor – sem intermediários, a tendência é que os produtores lucrem mais e os consumidores paguem menos. Nesse sentido, quando os atores rurais responsáveis pelas etapas do cultivo também comercializam seus produtos na cidade, estão acumulando uma atividade não agrícola (ainda que esta prática não possa ser considerada ‘nova’, pois já era feita desde os primórdios da agricultura<sup>ix</sup>), que é tomada com outro sentido no contexto atual: o de reaproximação das relações campo-cidade.

No mesmo vídeo, quando é mostrada a banca dos produtores-feirantes, apresentam-se igualmente os produtos comercializados (como é o caso do mel e as velas artesanais feitas a partir da cera das abelhas, do coco ralado e da tapioca feita na hora). Além disso, chama atenção a fala da repórter no que diz respeito à dicotomia rural-urbano. Segundo a mesma, a feira foi “transformando este contexto urbano em ambiente rural”, dando o sentido de aproximação, ainda que para isso tenha que antes trazer a ideia de oposição. Este trecho demonstra que a ruralidade também pode estar presente no urbano, assim como o contrário acontece. Os modos de viver típicos do rural e do

urbano mesclam-se e passam a existir em ambientes diferentes. Portanto, embora não trate de práticas inéditas, o vídeo revela algumas marcas que assinalam um outro olhar para o rural: de múltiplas atividades dos atores, de diversificação de produtos, de diluição da oposição entre rural e urbano.

A segunda matéria, *Crianças de escolas municipais conhecem propriedades rurais em SC* (16/12/12), trata de uma atividade não agrícola realizada no próprio espaço rural: o turismo pedagógico na propriedade. Nesse vídeo são apresentados vários aspectos do Projeto Viva Ciranda, que leva crianças de várias séries a sítios para conhecerem o cotidiano do campo, e ainda desenvolver atividades práticas de cunho educativo. Os alunos vivenciam outra rotina e têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula (como o reconhecimento de ecossistemas, e a construção e plantio de canteiros), enquanto os produtores compartilham seus conhecimentos e incrementam a renda com a recepção dos estudantes. O turismo realizado nas propriedades rurais, com refeições e venda de produtos procedentes delas, é fruto da ressignificação do rural, no qual não apenas a produção é valorizada, mas o saber-fazer e os conhecimentos tradicionais dos atores rurais, assim como a prestação de serviços ambientais, a preservação da paisagem e o espaço de reencontro com a natureza que se tornou escasso nas cidades.

A terceira reportagem tem uma proposta similar à primeira: divulgar um evento associado à produção de uvas. Veiculada no dia 17/12/12, *SP: Festa da uva atrai milhares de visitantes para Itupeva* apresenta a negociação direta entre produtores e consumidores não apenas das uvas, mas também de produtos agregados (sucos, vinhos geleia). Da mesma maneira que na matéria sobre a feira, sublinha-se o fator econômico do evento: a melhoria no orçamento para os produtores que podem dispensar os atravessadores. Ademais, para além da aproximação entre atores rurais e citadinos, e da ênfase nos resultados promovidos pelas agroindústrias, o vídeo enfatiza a tradição da festa (10ª edição), sinalizando para um fazer que se repete e se renova a cada festa. Conforme Moreira (2006, s/p), elementos desta cultura tradicional das famílias do campo também adquirem outro valor e dão força à ideia de novas ruralidades:

A revalorização de festas, rodeios e feiras agropecuárias associam-se à valorização da cultura local e de etnias e ao apoio à produção de artefatos os mais diversos, como conservas, artesanatos e manufaturas associados à natureza e culturas popular e tradicional, bem como à dinamização de agroindústrias associativas de agricultores familiares.

O último vídeo que explora aspectos do novo rural é uma entrevista, ao vivo, que tem como título *Família do sul de MG cria presépio com palha de milho*, motivada também pela proximidade com o Natal. Nesta entrevista é dado enfoque ao artesanato com a palha do milho feito pelos produtores rurais, mas sem deixar de expor que a família também produz outros produtos a partir deste cultivo, como a quirera e o fubá. A pluriatividade e a reaproximação do urbano (por meio da venda de alimentos e artigos artesanais na cidade e para cidadãos) também são percebidas aqui, ainda que secundariamente.

Todos os quatro últimos vídeos analisados revelam uma ligação com o paradigma da multifuncionalidade, isto é, aquele que sublinha outras funções para a agricultura e o rural, apresenta novas significações entre campo e cidade, destaca o valor da natureza e dos conhecimentos tradicionais dos atores rurais, além de, com maior ou menor intensidade, trazer à tona a questão da pluriatividade. Ainda que representem apenas 7,8% das 51 reportagens veiculadas, são estes conteúdos que expandem e alteram, em alguma medida, as representações que são feitas do campo, proporcionando formas de pensar e agir diferentes daquelas associadas somente à produção agropecuária.

É importante mencionar que, de forma secundária, e, às vezes, com outros objetivos, o programa em análise traz nuances sobre as temáticas do rural contemporâneo que aqui foram apresentadas, como demonstram os casos daquelas relacionadas com o meio ambiente e da série “Doutores do Campo”, deixando evidente que as representações do rural são múltiplas e diversas. Mesmo assim, constata-se que, apesar da presença de discursos e imagens que representem em algum grau o rural contemporâneo no *Globo Rural*, o telejornal ainda prioriza temáticas de cunho estritamente agrícola, reproduzindo aquilo que Seixas e Araújo (1994) identificaram há duas décadas: a ideia de que o espaço rural é aquele do plantio e da criação, relegando a segundo plano os aspectos socioculturais, identitários e ambientais.

### **Considerações finais**

Com base na análise descritiva utilizada para o mapeamento do modo como o rural é representado pelo *Globo Rural*, pontua-se que, ainda hoje, sua imagem é predominante associada à ideia de um rural destinado à produção de alimentos e fibras.

Todavia, mesmo que tais representações ou sentidos sejam baseados em uma realidade que manifesta a supremacia do agrícola, nota-se, ainda de forma tímida, inserções de temas e abordagens que extrapolam a representação hegemônica.

Este trabalho, por meio da identificação de traços que distinguem que o novo rural e as novas ruralidades estão presentes de alguma maneira nas representações emitidas pelo programa analisado, reforça o que afirma Moreira (2006) sobre uma transformação cultural dos sentidos que está em curso na contemporaneidade, construindo, aos poucos, uma nova visão de mundo rural. O aparecimento de outras facetas do rural, conectadas ao mundo urbano e que privilegiam aspectos sociais, ambientais e culturais (e não apenas o econômico), sinaliza para outra perspectiva de desenvolvimento, mais interligada ao urbano e com enfoque no bem-estar de toda sociedade. De acordo com Pérez (2001, p.25), tal revalorização estaria ligada primeiramente à questão cultural, na qual predominaria “la visión de lo rural como una nueva, aceptable y mejor alternativa de vida”.

Compreende-se que este novo ponto de vista sobre o rural – com suas instituições, atores, políticas e práticas – ainda é percebida de forma restrita pelo *Globo Rural* e poderia ser mais articulado ao dia a dia dos telespectadores (e da sociedade de um modo geral) a fim de promover a superação desta dicotomia campo-cidade e oportunizar o fortalecimento de formas de vida alternativas à atividade agropecuária no rural. Ainda que seja preciso ponderar que este novo olhar não significa o fim dos problemas no campo, que necessitam ser pensados a partir de um projeto mais amplo de desenvolvimento, a propagação de formas diferenciadas de vida no rural pode dar visibilidade a uma série de ações e movimentos que tem o potencial de revitalizar e modificar o cenário atual.

A televisão aberta, como veículo da comunicação de massa, desempenha papel importante na promoção de tais mudanças. Por isso, a forma como o rural é construído e/ou representado pelos jornalistas nas matérias do *Globo Rural* pode gerar novas interpretações sobre o espaço e despertar cidadãos rurais e citadinos para relações até então desconhecidas ou ignoradas. Pelo amplo alcance que o programa possui, atingindo especialmente o público identificado com o campo, a cobertura de temas relacionados ao rural contemporâneo expande horizontes no que diz respeito às interpretações e práticas desse espaço em transformação, contribuindo para o reconhecimento de novas funções daquele meio hegemonicamente visto como somente espaço de produção.



Por sua vez, com relação à hipótese inicial que vinculava esse novo rural à percepção de uma crise socioambiental, embora as reportagens analisadas não tragam elementos significativos para esta discussão – e isto está alinhado à ideia dominante da natureza como recurso e, portanto, elemento ou condição para a produção –, é importante expor os nexos entre a intensificação da circulação de informações referentes aos problemas ambientais (como as mudanças no clima, a poluição de águas e ar, a contaminação e assoreamento de solos, os malefícios derivados dos agrotóxicos, etc.) e a revalorização do meio rural como ambiente de conservação de ecossistemas e das paisagens naturais, condizente com a caracterização do rural contemporâneo.

Esta vinculação se deve tanto à mercantilização dos serviços ecológicos quanto à tentativa dos cidadãos de se reintegrarem à natureza em um mundo cada vez mais modernizado e artificializado. Pérez (2001), no entanto, recorda que, nos países latino-americanos, esta relação ainda é muito romantizada – em razão de problemas estruturais e conjunturais –, o que levaria ao afastamento da ideia de vida rural com as problemáticas globais. Em outras palavras, é preciso ter clareza que nem todos os movimentos de busca do campo ou de sua valorização condizem com uma visão crítica a respeito das transformações socioambientais.

A disseminação de informações de qualidade a respeito das reais imbricações ambientais das práticas desenvolvidas no meio rural, em todos os âmbitos, é uma maneira de alterar a perspectiva dos cidadãos e mobilizá-los para a ação mais responsável. Em virtude disso é que se visualiza no trabalho dos comunicólogos uma resposta aos questionamentos de Jollivet sobre quem promoverá as mudanças no meio rural. Ainda que as representações sobre este rural mais dinâmico e multifuncional sejam poucas, elas apontam para algo diferente daquilo que se tornou comum nas reportagens de cunho rural: a ênfase no processo produtivo e seus resultados. Os meios de comunicação social têm o potencial de alargar visões e mesmo trazer elementos que redefinem as formas de se observar e interagir, mostrando-se uma das fortes possibilidades para que o rural contemporâneo consiga ganhar mais visibilidade e legitimidade diante das instituições sociais e, com isso, romper com representações equivocadas sobre um campo homogêneo, produtivista e tido como oposto à cidade.

---

**Notas**

<sup>i</sup> Neste artigo, definimos o “novo rural” como uma categoria associada primeiramente ao crescimento das atividades produtivas não agrícolas desenvolvidas no espaço rural e à ideia de pluriatividade - as novas atividades executadas por indivíduos e famílias de agricultores que extrapolam a produção agrícola (GRAZIANO DA SILVA, 1997 SCHNEIDER, 2003). Por sua vez, a noção de “nova ruralidade” refere-se à emergência de novas identidades, outros padrões de produção e consumo e novas formas de sociabilidade no mundo rural (WANDERLEY, 2009; CARNEIRO, 2012; BRANDENBURG, 2010).

<sup>ii</sup> Compreende-se o conceito de representações de forma ampla, como sistemas de ideias, valores e práticas que atuam concomitantemente para estabelecer uma ordem, dar uma orientação para as pessoas movimentarem-se e controlarem suas vidas dentro de uma esfera coletiva (a sociedade) e possibilitar que haja a comunicação entre os membros dessa esfera (as representações imitem códigos que nomeiam e classificam os diversos aspectos do mundo). França (2004) afirma que a comunicação é um processo constituinte por meio do qual as representações sociais são produzidas, trocadas e atualizadas, afinal, é por meio dela que os sujeitos moldam o seu mundo e o mundo como um todo.

<sup>iii</sup> No Brasil, os estudos sobre a pluriatividade se iniciaram em meados dos anos 1990. Na sequência, o Projeto Rurbano, coordenado por José Graziano da Silva, representou um importante esforço de aproximação aos estudos do “[...] novo rural brasileiro, entendido como a expressiva emergência e/ou ampliação de atividades não agrícolas no campo nacional e da pluriatividade praticada pelos residentes no meio rural” (SACCO DOS ANJOS, 2001, p.60).

<sup>iv</sup> Para Cazella, Bonnal e Maluf (2009, p.47), “[...] a noção de multifuncionalidade da agricultura é tomada como um “novo olhar” sobre a agricultura familiar, que permite analisar a interação entre famílias rurais e territórios na dinâmica de reprodução social, considerando os modos de vida das famílias na sua integridade e não apenas seus componentes econômicos. A noção incorpora a provisão, por parte desses agricultores, de bens públicos relacionados com o meio ambiente, a segurança alimentar e o patrimônio cultural”.

<sup>v</sup> Veiga (2004) resgata que a hipótese da completa urbanização foi lançada em 1970 pelo filósofo e sociólogo marxista Henri Lefebvre. O contraponto surgiu dois anos depois (1972), com o geógrafo e sociólogo Bernard Kayser, o qual sustentou que a tendência demográfica oposta ao chamado êxodo rural, que se manifestava desde os anos 1970 nos países desenvolvidos, estaria vinculada a um fenômeno social denominado “renascimento rural”. O autor pontua que ambos os pesquisadores vislumbraram o fenômeno, mas de forma equivocadas. Para Veiga (*Ibid.*, p.58), “[...] a ‘revolução do espaço’ que engendra a ‘sociedade urbana’ (ou pós-industrial) tende a revigorar a ruralidade, mas mediante mutação, e não ‘renascimento’”.

<sup>vi</sup> Vale destacar diferentes visões a respeito da pluriatividade. Para Graziano da Silva (1997), a pluriatividade é a única maneira de reter a população rural de baixa renda no campo e elevar seu nível de vida. Já Buainain, Romero e Guanzaroli (2003) são críticos em relação a esse posicionamento. Para eles, as atividades não agrícolas não preenchem as vagas oriundas do desemprego criado pela mecanização e especialização da mão de obra e a expansão dos empregos não agrícolas pode não ser algo positivo e sim fruto da precarização do trabalho agrícola.

<sup>vii</sup> Tendo em vista a problemática que orienta este texto (como o rural contemporâneo é representado no *Globo Rural*), optou-se por uma amostra não probabilística por conveniência dos programas em função da perspectiva de atualidade e dos prazos para análise. Fez-se a decupagem dos vídeos apresentados na televisão e disponíveis para visualização posterior, de acordo com o dia de sua apresentação, no site do programa: <http://globotv.globo.com/rede-globo/globo-rural/>.

<sup>viii</sup> Alguns exemplos dos títulos dos vídeos mencionados: *Catarinenses comemoram chegada da chuva* (13/12/12), *MS: Bom desenvolvimento da soja faz agricultores venderem safra antecipadamente* (14/12/12), *Agricultores finalizam plantio da soja na região do cerrado do Piauí* (17/12/12), *Pastagens voltam a crescer no Piauí* (18/12/12), *Agricultores do RS conferem prejuízos causados por tempestade* (19/12/12), *SC: Problemas climáticos atrapalham desenvolvimento da maçã* (19/12/12) e *Colheita da uva começa mais cedo na serra gaúcha* (20/12/12).

<sup>ix</sup> Rodrigues (2009, p.48) lembra que a separação rural-urbano só ocorreu com o desenvolvimento do capitalismo, que trouxe a especialização e divisão de trabalho. Até então os agricultores executavam tarefas não agrícolas necessárias para a produção e para seu viver. “O que existia [...] eram os complexos rurais, onde a produção agrícola ocupava parte dos meios de produção disponíveis (recursos naturais, mão de obra escrava e bens de capital), sendo a outra parte destinada à produção de bens de consumo para a população local e dos próprios bens de produção”.

### **Referências bibliográficas:**

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: O que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRANDENBURG, Alfio. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente e Sociedade**, v. 13, p. 417-428, 2010.

BUAINAIN, Antônio Márcio; ROMEIRO, Ademar; GUANZIROLI, Carlos. Agricultura Familiar e novo mundo rural. **Revista Sociologias**, v. 5, n. 10, p. 312-347, 2003.

CARNEIRO, Maria José. Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Ruralidades Contemporâneas**. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p. 23-50.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade na sociedade contemporânea: uma reflexão teórico-metodológica. In: **El mundo rural**: transformaciones y perspectivas à la luz de la nueva ruralidade. Bogotá: outubro de 2003.

CARNEIRO, Maria José. Pluriatividade no campo – o caso francês. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 11, 1996.

CAZELLA, Ademir A.; BONNAL, Philippe; MALUF, Renato S.(orgs.). **Agricultura familiar**: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

FERREIRA, Angela. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre as especificidades brasileiras. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 1, n. 18, p. 28-46, 2002.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicacionais. In: PEREIRA, Miguel *et alii*. **Comunicação, Representações e Práticas Sociais**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO; Aparecida: Idéias e Letras, 2004.

GÓMEZ, Sergio. Nueva Ruralidad? Um aporte al debate. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n 17, p. 5-32, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, José; DEL GROSSI, Mauro; CAMPANHOLA, Clayton. O que há de realmente novo no rural brasileiro. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, v. 19, n. 1, p.37-67, 2002.

---

GRAZIANO DA SILVA, José. O novo rural brasileiro. *Nova economia*, n. 7, v. 1, p.43-81, 1997.

JEAN, Bruno. **Territoires d'avenir: pour une sociologie de laruralité**. Québec: PUQ, 1997.

MOREIRA, Roberto José. Configurações de poderes urbano-rurais: Fragmentos de discursos e práticas. In: **Encontro Nacional de Geografia Agrária**, XVIII, 2006, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

PEREZ, Edelmira. Hacia una nueva visión de lo rural. In: **Una nueva ruralidad en América Latina?** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RODRIGUES, Vera Lúcia; GRAZIANO DA SILVA, José. O campo e a cidade? In: RODRIGUES, Vera Lúcia. **Urbanização e ruralidade: os condomínios e os conselhos de desenvolvimento municipal**. Brasília: MDA, 2009.

SACCO DOS ANJOS, Flavio. Pluriatividade e Ruralidade: enigmas e falsos dilemas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 17, p. 54-80, 2001.

SCHNEIDER, Sergio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 51, n.18, p.99-121, 2003.

SEIXAS, Annik Scaillet; ARAUJO, José Geraldo. O Programa Globo Rural: uma análise de conteúdo. **Intercom – Revista Brasileira de Comunicação**, v. 17, n. 2, p. 110-120, 1994.

VEIGA, José Eli da. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Estudos Avançados**, v. 18. n. 51, p.51-67, 2004.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida**. Porto Alegre RS: UFRGS, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno - por um pacto social pelo desenvolvimento rural In: GIARRACCA, Norma. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires, CLACSO, 2001.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 15 de outubro de 2000. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/art/200010-087-145.pdf>>. Acesso em 15/12/12.

|   |
|---|
| Recebido em 22/09/2013<br>Aceito para publicação em 10/03/2014. |
|---|